

GAZETA MERCANTIL

Empresários reunem-se para Constituinte

11 MAR 1986

por José Casado
de São Paulo

Está nas mãos do presidente José Sarney um documento assinado por cinco empresários, líderes das Confederações Nacionais da Indústria, Comércio, Agricultura, Finanças e Transportes, anunciando para esta semana a constituição formal da União Brasileira de Empresários (UBE), uma espécie de central única das classes produtoras.

Na quinta-feira, em Brasília, os presidentes dessas cinco entidades, representativas do empresariado nacional, reúnem-se para assinar a primeira ata do "colegiado" que comandará a UBE. Na prática, esse órgão funcionará com seis presidentes e um conselho diretor, constituído por representantes estaduais.

Pretende-se montar a estrutura da UBE à semelhança do Keindaren, do Japão, conta Albano Franco, presidente da Confederação Nacional da Indústria (CNI). "Precisamos de um 'fórum' amplo, nacional, realmente representativo das classes produtoras", justifica Antônio de Oliveira Santos, presidente da Confederação Nacional do Comércio (CNC).

O objetivo, segundo eles, é que a UBE tenha filiação direta de todas as empresas, em cada setor produtivo, o que lhe daria maior legitimidade. "Não se destina a ocupar o espaço das entidades existentes", explicam no documento ao presidente da República. "Não será otimismo nem exagero afirmar que a UBE unificará o pensamento, a linguagem e a ação do empresariado nacional", acrescentam.

É uma manifestação importante dos líderes empresariais, de caráter fundamentalmente político, que ocorre às vésperas da eleição para a Assembléia Na-

cional Constituinte. Repete um pouco a experiência de 1934, quando uma eleição para a Constituinte levou à união nacional dos empresários e frutificou no nascimento da Confederação Nacional da Indústria.

"A perspectiva de uma Constituinte nos leva, naturalmente, à organização para melhor defesa da iniciativa privada", comenta Albano Franco, da CNI. "Estamos-nos enquadrando e nos preparando para essa temporada política", complementa Oliveira Santos, da CNC.

A articulação começou em meados do ano passado quando os líderes das entidades nacionais da Indústria, Comércio, Agricultura e Finanças passaram a reunir-se mensalmente, num "fórum" no qual alinhavam suas posições no debate político e econômico.

Como aconteceu em 1946, eles acabaram discutindo, também, a viabilidade de apoiar informalmente o maior número possível de candidatos à Constituinte comprometidos com os princípios da livre iniciativa. Em 1946 deu certo: os empresários, de diferentes setores, acabaram compondo a maioria do Congresso Nacional.